



DL-01

Ses. Esp. 02/08/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão.

Convido para compor a Mesa as seguintes personalidades: deputado Rosemberg Pinto, autor da proposição para a realização desta sessão especial a fim de discutir a Cultura Ancestral na Identidade Baiana; Sr. Secretário Estadual de Promoção da Igualdade, Elias Sampaio, aqui representando o governador da Bahia, Jaques Wagner; Sr. Claudelino Miranda, representante do vice-prefeito de Salvador, Edvaldo Brito; Sr. Deputado Federal Luiz Alberto; Sr. Major Paulo Peixinho, representante do comandante geral da Polícia Militar da Bahia, Alfredo Braga de Castro; Sr. Subsecretário Municipal da Reparação, Edmilson Sales, representando o Sr. Secretário Ailton Ferreira; Sr. Vereador da Câmara Municipal de Salvador, Moisés Rocha; Sr. Professor Marco Aurélio Luz. (Palmas)

Assistiremos agora à apresentação do Omon Axiapá.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, vou passar a presidência desta sessão ao meu querido amigo, o nobre deputado Rosemberg Pinto.

Gostaria de convidar para compor a Mesa a diretora do Centro de Cultura Popular, Arani Santana, a Sr^a Superintendente Elaine Ferraz, representante da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Mara Moraes. Vê-se que as mulheres estão avançando muito, isso é bom! Não havia nenhuma mulher aqui na mesa e vieram reclamar logo, mas é isso mesmo, acho que as mulheres avançaram muito na área política, na área social, na área empresarial. Acabou esse tempo de mulher estar lavando prato, arrumando cama, lavando roupa. Podem e devem fazer, mas também elas têm os mesmos direitos e os mesmos deveres de todos nós que somos homens. Acho isso muito bom e acho que o Brasil avançou muito na consolidação do processo político. Nós só seremos um País livre, só



seremos um País realmente com uma democracia forte, se as mulheres tiverem os mesmos direitos e os mesmos deveres dos homens.

Gostaria de passar a presidência dos trabalhos ao deputado Rosemberg e desejar boas-vindas a todos vocês que vieram participar da sessão especial na Casa do Povo, a Casa das Leis recebendo todos os movimentos sociais da Bahia. Esta Casa não tem cor, não tem religião, ela tem partidos até demais, aliás, é a Casa de todos os partidos políticos. Mas recebê-los é sempre um prazer. Esta é uma sessão especial muito importante, proposta pelo nobre deputado Rosemberg que, sem dúvida nenhuma, é um dos deputados mais atuantes desta Assembleia. Apesar de estar em seu primeiro mandato, tornou-se um parlamentar muito respeitado, muito assíduo e sabe da importância do papel do parlamentar na Casa do povo.

Convido, para compor a Mesa, Nairobi Aguiar do Ministério da Cultura que nos honra muito com sua presença. (Palmas)

Portanto passo a Presidência ao deputado Rosemberg Pinto. Desejo sucesso a todos vocês.

O Sr. Rosemberg Pinto:- Meu querido Luiz Alberto, para você não perder o trabalho, queria pedir a V.Ex^a assumir a Presidência aqui, porque vou aproveitar para poder falar da tribuna. Mas, não vá acostumando não, porque Marcelo já gosta muito. É só por este momento.

O Sr. PRESIDENTE (Luiz Alberto):- Eu não sei se isso é regimental, porque eu não sou deputado estadual. Mas como V.Ex^a é quem comanda, estou aqui assumindo a Presidência.

Com a palavra o deputado Rosemberg Pinto.



3700

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Rosemberg Pinto

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Luiz Alberto):- Com a palavra o nobre deputado Rosemberg Pinto, autor do requerimento desta sessão especial para homenagear a ancestralidade negra na Bahia.

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Boa-tarde a todos os amigos e as amigas. Queria saudar a Mesa, onde preside neste momento o deputado Luiz Alberto, um deputado atuante e comprometido com o resgate da identidade brasileira e da identidade baiana, para que a gente possa desmontar esta ideia de que a formação da sociedade brasileira tem, em seu pilar, a maior importância europeia. Ele trabalha para que a gente possa desmontar isso.

E, aqui na Assembleia Legislativa, eu quero também trazer à tona o deputado Bira Corôa que, também, é um dos parlamentares que trabalha junto com outros, na desconstrução desta ideia de que a formação da sociedade baiana e brasileira está calcada em apenas um pilar. E é para isso que estamos, hoje, nesta tarde, para que a gente possa desmontar, respeitando a participação de todos, mas trazendo à tona dois outros vieses significativos para a formação da sociedade brasileira.

Eu queria saudar aqui minha querida Arani. Ela nos orgulha bastante com sua presença. Minha querida Mara Moraes, secretária de Desenvolvimento Social, me ligou extremamente afônica e pediu para Elaine estar presente que já está ali na Mesa. Meu querido Marcelo Nilo teve de sair para assumir outros compromissos. Esse secretário que tem trabalhado no estado, incansavelmente, para que a gente possa, realmente, fazer esta reparação que é tão propalada, mas que ainda tem muita estrada para a gente andar.

Gostaria de saudar o meu querido Claudelino, representante do vice-prefeito Edvaldo Brito; o major Paulo Peixoto que, aqui além de representar o Comandante Geral, também é uma das pessoas importantes desta nossa Casa branca e que orgulha a todos nós; meu querido Edmilson Sales que representa aqui Ailton e que também é um baluarte nessa caminhada; meu querido Moisés Rocha, companheiro de Petrobras, vereador da Cidade do



Salvador, vinculado aos movimentos sociais em especial a esse resgate cultural. Quando falamos de várias áreas na Bahia, em Salvador, quando falamos do samba, temos que lembrar de Moisés, desse trabalho incansável que ele vem fazendo, de vez em quando encontro-me com ele lá no Beco de Gal. Meu querido professor Marco Aurélio, que vai aqui nos brindar com uma fala sobre o tema; Nairobi, que trabalha também na Fundação Cultural Palmares, ou seja, participa da Fundação Palmares e representa neste momento o Ministério da Cultura. Queridos amigos, amigas, religiosos, todos aqui que trabalham nessa ideia de que podemos fazer da sociedade baiana, da sociedade brasileira uma sociedade que dialogue e que traga para todos nós um resgate dessa nossa identidade que sem dúvida alguma precisa ser contada, querida Arani, de uma outra forma.

É um orgulho imenso poder estar realizando esta sessão especial para fazer esse debate sobre ancestralidade. Queria dizer que essa ideia não é de Rosenberg, é uma ideia do nosso gabinete, é de todas as pessoas que dialogam com o nosso gabinete e que querem, e terão nesta Casa, um debate conceitual, um debate de conteúdo. Não um debate apenas para servir de palavras para a sociedade de uma forma extremamente fotográfica, mas que possamos fazer um debate de conteúdo, um debate nesta Casa, porque aqui é o local ideal para fazermos isso, que de fato resgate a identidade cultural, a identidade social, a identidade do cidadão e da cidadã brasileiros.

Lembro-me de que na escola todas as nossas histórias sempre foram contadas, na minha época, a partir das fotografias dos brancos, dos europeus, a partir dos quadros que retratavam especificamente um viés da religiosidade, dos quadros nas escolas que não apontavam a religiosidade africana, as culturas indígenas como culturas fundamentais, basilares para a formação de uma sociedade que é referência no mundo, uma sociedade que cultua a paz, uma sociedade que cultua a relação de solidariedade, uma sociedade extremamente complexa, que respeita a adversidade. Essa sociedade é assim porque tem na sua formação o viés nativo indígena que precisamos estar debatendo a cada dia. Se não mantivermos essa nossa tradição, daqui a uns dias, perderemos essa parte, que será contada, sem dúvida alguma, por quem detém a condição de uma formação elitizada da construção das identidades. Precisamos fazer também um resgate, meu querido Elias, sem dúvida



alguma, da construção africana não do ponto de vista das estruturas físicas, mas do ponto de vista das pessoas (palmas), da importância dessa cultura para a formação da sociedade brasileira e da sociedade baiana.

É preciso que tenhamos o cuidado imenso de a cada dia debatermos, sem nenhum temor, a forma discriminatória que foi feita durante longos anos com relação à religiosidade africana. E precisamos entender que esse debate tem que ser e é extremamente atualizado.

E não posso deixar de trazer à tona um novo Brasil, um Brasil que a partir do presidente Lula trouxe esse debate, um Brasil que traz a condição de fazer o debate não só nas universidades, mas que o propõe na formação do indivíduo exatamente na escola fundamental. E é para isso que precisamos debater diariamente essa nossa vontade, essa nossa condição, essa nossa estratégia de reidentificar a formação da sociedade brasileira.

Por isso, meu querido Luiz Alberto, estamos trazendo esse debate para esta Casa que está afeita a outros debates, não o debate dessa religiosidade. Precisamos trazer o debate extremamente claro das pessoas que vivem, acreditam, sonham, pensam e que têm na sua cultura, na formação, a razão de ser. É nesse sentido que trazemos esse debate para esta Casa, não o debate fotográfico. Precisamos fazer aqui um debate de conteúdo como faz nas Comissões o nosso querido Bira Corôa. E, às vezes, não se tem essa Comissão como uma das mais importantes desta Casa. E precisamos fazer o debate para transformar aquela Comissão numa as Comissões que debate a nossa formação.

E é por isso que, nesta tarde, trago para vocês esse momento que não é meu, é um momento nosso, não é do nosso gabinete, é um momento desta Casa. Aqui apenas represento um pedacinho desta Casa, mas nesse nosso gabinete a possibilidade de romper as portas desta Casa para fazer um debate de reidentificação da sociedade baiana e da sociedade brasileira.

E trazer esse tema, meu querido Luiz Alberto, é de fundamental importância, porque, sem dúvida alguma, é esse time que está basilado na África, está basilado na atividade dos indígenas, que faz deste país um país que orgulha a todos nós. É esse time que sofreu e sofre a cada dia que traz a possibilidade de debatermos a diversidade, que entende e que está em todos os lugares, algumas das vezes aceitando momentaneamente, mas



construindo musculatura para fazer o debate mais forte para que possa ser respeitado e dizer que é um orgulho imenso de todos nós termos a nossa formação índio-africana e também europeia, não podemos negar essa participação. Por isso esta é uma tarde de debate, de conteúdo.

Tenham vocês, não só nesta tarde, mas todos os dias nesta Casa a possibilidade de construir uma nova identidade para a sociedade baiana e para a sociedade brasileira.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3701-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Luiz Alberto

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Acabou de chegar Dr. Almiro Sena, nosso secretário da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Queria chamá-lo para ficar aqui ao meu lado. (Palmas)

Vou inverter um pouquinho porque o deputado Luiz Alberto tem um compromisso fora de Salvador e precisa sair logo depois de sua fala. Eu iria passar a palavra ao professor Marco Aurélio, mas vou fazer isso logo depois. É importante que esse debate tenha também uma participação efetiva no cenário do Congresso Nacional.

Concedo a palavra ao nosso deputado Luiz Alberto. (Palmas)

O Sr. LUIZ ALBERTO:- Sr. Presidente, em primeiro lugar, gostaria de pedir licença e agradecer a deferência do professor Marco Aurélio, tomei aqui o seu lugar para fazer uma breve saudação. Tenho, deputado Rosemberg Pinto, uma reunião fora de Salvador, mas é perto, em Simões Filho, para discutir a questão do quilombo Rio dos Macacos. Estamos tentando resolver essa questão que o nosso povo vem sofrendo por muito tempo.

Quero saudar o Secretário de Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado, Elias Sampaio; quero saudar o deputado Rosemberg Pinto e parabenizá-lo pela iniciativa, a qual acho importante fortalecer cada vez mais o debate sobre a cultura ancestral do nosso Estado, consequentemente do nosso País, para firmar a identidade brasileira como identidade africana. Quero saudar o Sr. Claudino Miranda, representante do vice-prefeito Edivaldo Brito; saudar o Sr. Major Paulo Peixoto, companheiro Peixoto de longas datas e batalhas, e aí representa o comandante-geral da Polícia Militar e também uma organização importante da Polícia Militar que reúne os companheiros que professam a religião de matriz africana na Polícia Militar; quero saudar o Sr. Edmilson Sales, companheiro Edimilson das batalhas do Engenho Velho da Federação, representando aqui o Secretário Ailton Ferreria; o companheiro vereador Moisés Rocha, batalhador da cultura negra de nossa cidade, vereador combativo, 2º Secretário da Câmara dos Vereadores de Salvador, está na batalha para a



reeleição. Eu digo sempre a Moisés que eleição de vereador é a mais difícil que existe. Em 1992 fui candidato, não consegui, foi barra pesada.

Quero saudar o professor Marco Aurélio, figura emblemática do nosso debate sobre a identidade negra em nosso País; a companheira, batalhadora, diretora do Centro de Cultura Popular, Arany Santana, que é uma das identidades fortes do Ilê Aiê junto com Vovô, nosso presidente; o Superintendente Elanio Ferraz, representando a Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, representando a Secretária Mara Morais e também representando a Fundação Palmares, companheira Nairobi Aguiar.

Não vou lembrar aqui de todos evidentemente, mas quero saudar aqui em nome dessas autoridades todas as religiões que estão aqui presentes e os adeptos, Mãe Índia. Tenho aqui e vou me comprometer em ir ao seu terreiro e lhe entregar uma foto que tenho em minha casa, eu resisti em entregar porque é uma foto muito bonita da senhora com o Babalorixá PC e a presidente Dilma, que não era presidente ainda, era candidata. Tenho uma foto belíssima que vou lhe entregar, vou passar as suas mãos essa foto. Então, quero saudar a todos os presente aqui.

Quero dizer, deputado Rosemberg Pinto, que esse debate é muito importante porque nós só debatemos isso aqui, o Brasil começou a se voltar para a África a partir do governo Lula, muito mais pela resistência desse povo aqui. Se tivéssemos desistido de fazer a resistência com certeza a África estaria esquecida, nem nos livros de História estaria. Acho que essa nova visão, esse novo olhar que o Brasil tem do outro lado do Atlântico olhando a África, tem a ver com a nossa resistência esse debate importante.

Esta semana, estava lendo um artigo de Mãe Stella, no jornal *A Tarde*, ela sempre escreve coisas belíssimas, profundas, importantes e falava sobre um aspecto fundamental que se disseminou a ideia de que as religiões de matizes africanas não têm liturgia, não têm fundamentos tão complexos e organizados como as religiões europeias, cristãs e ela mostrava exatamente o contrário. Ela dizia da liturgia das religiões de matrizes africanas e dando uma verdadeira aula para quem teve acesso àquele artigo que saiu nesta semana no jornal *A Tarde*.



Quero aqui dizer que essas pessoas, essas ialorixás, esses babalorixás aqueles que tomaram para si a defesa e resistindo a esse processo de violência que se abate historicamente sobre a população negra, desde o aspecto religioso, cultural, e de modo mais geral, essa resistência tem valido a pena. Hoje estamos aqui no Plenário da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia mostrando a nossa força. Já estivemos, outras vezes, no Plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília, e estamos presentes a vários debates. Estamos vivendo um momento muito importante, pois acho que esse debate deve percorrer a nossa população e as eleições municipais.

Está acontecendo um fenômeno que eu nunca tinha visto antes, alguns acham que é uma forma subalternizada de entrar na porta da política, acho que não, acho que são formas diversas. Então, você ter hoje os principais candidatos que disputam as eleições em Salvador com vices todos negros, há de se perguntar: por que vices? É possível que não tenhamos acumulado ainda força suficiente para termos as nossas lideranças, os nossos militantes liderando essas chapas, mas eles estão nas vices, isso significa um debate que a cidade do Salvador vai ter que fazer.

Há outros candidatos que são negros e estão liderando as chapas, ou seja, há um fenômeno novo na eleição de Salvador. Não se discute de forma meramente subjetiva o papel dos negros no debate da cidade do Salvador, eles estão hoje compondo as chapas e esse debate, independentemente de quem está na cabeça da chapa ou não, vai ter que ser feito, e aí entram vários aspectos na política de Salvador, que são a cultura, a questão das religiões e da presença cultural africana em Salvador.

Para encerrar, queria dizer que uma coisa me preocupa há muito tempo, nós vivemos um momento de mobilização em várias partes do País em torno de um debate sobre a intolerância religiosa, e me preocupa, porque ele não acabou, ele continua e persiste.

Um dado importante é que o Congresso Nacional hoje tem três partidos que têm como fundamento político ideológico a religião, a religião evangélica, que insiste em agredir as religiões de matriz africana, em especial. Por que eles não agridem de forma frontal o catolicismo? Eles não agridem nenhuma religião de origem cristã europeia que existe em nosso País. O foco são as religiões de matriz africana.



Portanto, acho que esse debate não pode deixar de resgatar esse processo, porque sabemos que na história da humanidade várias catástrofes ocorreram em função desse papel que querem dar ao processo religioso vinculado à política, ou seja, a disputa de poder. Então, temos que ficar atentos a isso, chamo isso de “o ovo da serpente”. Se nós não tivermos cuidados para impedir o avanço desse processo de intolerância profunda que existem neste País, onde partidos ferem a Constituição federal, porque não se pode criar partidos tendo como pano de fundo o proselitismo religioso.

Quero deixar aqui este alerta, parabenizá-lo por esta iniciativa, tenho certeza de que as pessoas que foram convidadas e que serão homenageadas aqui têm todo o respeito da nossa população e são pessoas que têm contribuído significativamente para garantir a nossa presença física e espiritual na sociedade baiana e brasileira.

Parabéns a V.Ex^a, parabéns a toda a Mesa e parabéns a vocês que vieram prestigiar este grande e importante evento. Grande abraço e muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



3702-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Marco Aurélio Luz

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, deputado Luiz Alberto.

Neste momento, concedo a palavra ao professor Marco Aurélio Luz, que durante 15 minutos vai falar sobre esse tema que estamos trazendo hoje à tarde à Assembleia Legislativa da Bahia.

O Sr. MARCO AURÉLIO LUZ:- Boa-tarde a todos. Quero pedir aos mais velhos. (Fala em iorubá.) Peço licença a todos. Quero saudar as autoridades presentes.

Vou iniciar falando rapidamente para vocês, embora eu possa dizer que tudo o que eles disseram é o que digo, porque eles preencheram muito bem todas as denúncias e tudo mais que se refere a essa luta que vimos travando de legitimação da nossa tradição africano-brasileira.

Como não posso faltar à minha formação professoral, vou falar desta tribuna, apesar de não estar acostumado a isso. Tentarei. Quero dizer-lhes que a humanidade sempre viveu em sociedade. Foi a forma que ela conseguiu para evoluir enquanto espécie, se manter enquanto espécie e avançar enquanto espécie. Desde que voltemos à noite dos tempos, encontraremos a humanidade vivendo em sociedade.

Quando vivemos em sociedade, já nascemos numa que já tem as suas linguagens, os seus valores, as suas instituições. Essa linguagem surge para preencher um vazio de angústia, que é quando a criança tem necessidade de preencher um vazio do desconhecido, a insegurança de estar naquela situação de completa dependência. Aí, tem de usar a palavra para poder começar a ter o amparo, a proteção de que ela necessita. E as primeiras palavras que em geral elas pronunciam são mãe e pai. De acordo com a sociedade, ela já é marcada pelo contexto de valores culturais em que está. Então pode dizer, em vez de mãe e pai, mainha e painho. o que já vai conotando uma referência cultural de onde ela está, de onde se situa.



Estamos falando aqui de uma situação de gente que vive, ao que a mãe Aninha se referiu como a Roma Negra, que é essa nossa sociedade de Salvador. Ela se referiu a Salvador como Roma Negra porque é como uma sociedade que vive, embora a complexidade da sociedade romana, baseada nos fundamentos da forma de vida das tradições culturais africanas, caracterize então essa sua expressão.

E o que caracteriza essa tradição africana, essa civilização africana que chegou até nós? A cultura africana e a civilização africana se baseiam na religião. A religião é a fonte de valores, é a fonte de linguagem que se desdobrará, caracterizando a cultura. Mas o centro original de onde se irradia a cultura é a religião.

O que é essa nossa religião? Essa nossa religião é promover a circulação de axé. Axé é a força, a energia que movimenta o existir, que movimenta a existência. E esse movimento da existência vem na forma de rituais de restituição, e esses rituais de restituição, de acordo com as histórias que conhecemos, vêm através da humanidade.

Há uma história muito conhecida de Exu, que delega à humanidade para fazer as oferendas, para restituir o que ele havia retirado da humanidade. Exu Yanguí, que come todas as coisas, depois foi perseguido pelo pai, Orunmilá, e se comprometeu a devolver. Mas ele resolve que a devolução será através da humanidade, e a humanidade tem esta responsabilidade, para manter a existência, a continuidade da existência, de restituir através das oferendas. As oferendas constituem a liturgia e a tradição. E essa tradição chega até nós e é mantida pelos ancestrais. São os nossos ancestrais que trouxeram até nós essa tradição, essa liturgia, essa linguagem religiosa que nos possibilita a continuidade da existência para que esse mundo não se acabe. Por isso os ancestrais são sempre homenageados antes de qualquer liturgia. Há um ditado da nossa tradição iorubá que fala: “ *Minha mãe é minha origem, meu pai é minha origem, Olorum é minha origem, assim sendo adorarei as minhas origens antes de qualquer orixá.* ” Então para todo ritual que se faz se pede licença e se homenageia os ancestrais, porque são eles que vem garantindo a linguagem religiosa, a tradição, os valores da religião que possibilitam naquele momento estar praticando um ato religioso.

Quem são esses ancestrais? São origem das origens, que se perdem na noite dos tempos, são as Iyami, mães ancestrais; são os babá Egum, ancestrais masculinos, são apenas



os que não têm uma referência de família ou de linhagem, mas também são os ancestrais. São ancestrais que têm uma referência das famílias a que eles pertenceram e que são cultuados. Se for culto ao orixá, são cultuados no Ilê Ibó Aku na nossa tradição nagô, ou os ancestrais do culto de babá Egum no igbalé.

Quero me referir a duas personagens que são para nós uma dessas origens de referência que conhecemos que pertencem à família e linhagens conhecidas e que são cultuadas nas nossas casas, nos nossos ilê axé, nas nossas casa de axé, **que** foi uma pessoa que veio da África e fundou os primeiros terreiros de orixás aqui na Bahia, que voltou para África acompanhada de Marcelina da Silva, Obatossi, uma das fundadoras da casa **Iyanassô**, casa branca, que é uma pessoa que é cantada hoje nos cultos dos ancestrais e tem essa referência. Odana Nana.

Quero dizer aqui que o meu mestre Didi Axipá, Alapini quando esteve em Keto, ele mencionou o nome de Odana Dana, que foi lembrado pelo Arokin, que é aquele personagem que guarda a história do povo daquela cidade e que ele tinha nos versos das suas referências históricas o nome de Odana Dana, que sabiam que saiu dali, mas sabiam para onde foi ou como foi.

Então Odana Dana, por um lado, na parte das Iyá e de Marcos Alapini, com seu pai, Marcos - o Velho, retornaram à África e trouxeram o babá Olukotum Olori Egum, que é o ancestral mais antigo, o ancestral mais antigo da tradição. E com eles outros babás que ele trouxe uma corrente da África de babás, de Eguns que deram esse fundamento de continuidade da nossa ancestralidade masculina. E ele tinha esse título de Alapini, que 'um título muito importante, que é o representante do culto de Egum no palácio em Ioió, no palácio do Alafin, rei de Oyó. E o Alapini que é o que representa todos os cultos de ancestrais da cidade, do reino, e ele cuida desses ancestrais do reino no Palácio de Alafin, o rei de Ioió, o Alapini é quem representa todos os cultos de ancestrais do reino. Ele cuida desses ancestrais do reino no palácio do Alaf. E quando, de certa forma, esse ancestral é de toda a comunidade, o Alapini tem essa relação com essa herança trazida por esse ancestral Marcos e o seu pai, Marcos velho, que são cultuados como baba Egum hoje em dia nos terreiros de baba Egum.



Quero me referir a uns versos que falam dessa Iá que veio para a Bahia:

(O orador canta versos)

A guerra trouxe a mãe, filha de xangô que chegou com a guerra, mas não tem uma guerra, não tem uma batalha, a mãe perdeu o medo, roguemos aos orixás para que a alegria se expanda pelo mundo. Ancestralidade é que garante a continuidade da tradição. Os ancestrais foram aqueles que em vida garantiram a tradição e a restituição de axé através da conservação e preservação da liturgia. São essas pessoas dedicadas a manter a tradição que se tornam ancestrais dignas de culto e de preservação da sua memória.

A hierarquia está baseada na antiguidade, que vem desde as linhagens das famílias e vão, então, alicerçando esses valores da hierarquia e são esses valores que preservam a comunidade. Essa tradição possui uma forma de comunicação específica, por isso que nossa liturgia é diferente, em que a estética magnifica o sagrado e inclui elementos de dança, música, vestuário e assim por diante.

Quando o Egum se apresenta, muitas vezes ele pergunta a um fiel, a uma pessoa presente como está a sua roupa. E a pessoa responde: axó odara. Odara quer dizer bom e bonito ao mesmo tempo. Como o culto, ele tem que ser bom e bonito. Quando o Babá tem através da sua roupa a capacidade de distribuir axé é uma coisa boa, mas também a roupa é encantadora, encanta pela beleza. E assim é em relação a toda nossa tradição, valorizar a beleza como elemento fundamental de encantamento e de manutenção da tradição.

Por fim, quero falar de uns versos de uma cantiga que homenageia as mães ancestrais. Fala assim: Pássaro agbê, o dono do azul, nunca lamenta a falta do azul; pássaro alukó, o dono do vermelho, nunca lamenta a falta do vermelho; pássaro lekeleke, o dono do branco, nunca sente a falta do giz; nunca nos vai faltar dinheiro, axé; nunca nos falte filhos, axé; nunca nos falte casa, axé; nunca nos falte sapatos, axé; nunca nos falte axó/roupa, axé; nunca nos falte comida, axé; nunca nos falte alegria, axé.

Com essas palavras vou encerrando. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, professor Marco Aurélio pela apresentação.

(Não foi revisto pelo orador.)



3703-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Edmilson Sales

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Neste momento, chamo para compor a Mesa a nossa senadora Lídice da Mata.

Concedo a palavra ao subsecretário da Secretaria Municipal da Reparação de Salvador, Edmilson Sales.

O Sr. EDMILSON SALES:- Boa-tarde, senhoras e senhores.

Deputado Rosemberg Pinto, serei bem econômico. Por isso, saúdo a Mesa nas pessoas de V.Ex^a e da senadora Lídice da Mata. Os nossos irmãos e irmãs da plenária permitam-me saudá-los na pessoa do meu amigo e irmão Vovô do Ilê, porque tudo começa no Ilê.

A nossa luta contemporânea de resistência, meu amigo Elias, com certeza começa com a ousadia do Ilê ao sair, na década de 70, para desafiar a branquitude da cultura carnavalesca da nossa cidade.

Quero dizer, em poucas palavras, que o professor Marco Aurélio abriu um baú com imensas preciosidades. São essas preciosidades que nos alimentam para nos mantermos de pé e sermos como um bambu que dobra, mas não parte, não quebra diante de todas as perversidades, de todas as malícias para induzir outro tipo de identidade em nossa cidade, em nosso Estado.

O deputado abriu as portas desta Bahia para dialogarmos e debatermos a ancestralidade e a identidade baiana. Este é um passo importante, porque entendemos que materializar, alimentar e consolidar qualquer tipo de discussão que valorize a ancestralidade e a identidade, nada mais é do que o fortalecimento de um processo bem democrático no sentido de resgatar a história, diluir as mentiras e fazer com que um povo a cada geração compreenda e entenda a sua existência neste solo.

Nós precisamos entender e compreender neste solo a nossa ligação com nossos antepassados, com nossos ancestrais. E isso só será possível a partir do momento em que a



nossa sociedade, os poderes constituídos, o povo e as entidades possam, de uma forma bem concreta e corajosa, estabelecer, exatamente, este brilhante acontecimento. Quando a Casa do Povo da Bahia, a Assembleia Legislativa, abre suas portas e recebe as nossas mães de santo, nosso povo do movimento negro, nossas autoridades, que hoje ocupam espaços estratégicos nesta República, para confirmar e dialogar sobre a importância da ancestralidade e da identidade da Bahia, é o primeiro passo para o fortalecimento da democracia e a busca de um povo para que possa viver em igualdade e respeito.

Encerro minhas palavras, em nome do secretário Ailton Ferreira, da Prefeitura de Salvador e da Semur, agradecendo e parabenizando o mandato do deputado Rosemberg e de todos os deputados que contribuíram para que este evento pudesse acontecer aqui hoje.

Um abraço a todos.

Axé.

(Não foi revisto pelo orador.)



3704-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Lídice da Mata

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado Edmilson.

Quero neste momento passar a palavra a nossa senadora Lídice da Mata para fazer uma saudação nesta sessão especial.

A Sr^a LÍDICE DA MATA:- Boa-tarde, companheiros e companheiras, quero saudar o nosso presidente, deputado Rosemberg, e a todos os componentes desta mesa belíssima – que hoje expressa o desejo e a unidade de todos vocês de ver homenageada aqui a cultura da ancestralidade, da nossa identidade maior.

Estou muito feliz em estar aqui. Disse a Rosemberg que ficaria pouco tempo, portanto, peço desculpas a vocês. Mas estamos em um momento muito singular, um momento de campanha eleitoral, com um nível de atividade muito intenso.

Abri a minha agenda para vir aqui porque não vejo esta como uma sessão solene, menor nem comum. São raras e incomuns as manifestações e homenagens à cultura afro-brasileira, até mesmo em nosso Estado, que é um Estado reconhecidamente de maioria negra, e na nossa cidade, que é considerada a maior cidade negra fora da África.

Sinto-me feliz e representada, já que fui a primeira deputada estadual a dar um Título de Cidadão nesta Assembleia Legislativa, Vovô, a um pai-de-santo – e não sei se há outro. Foi o Título de Cidadão que tivemos a oportunidade de dar a Tata Anselmo. (Palmas)

Também estivemos aqui em outras homenagens. Ano passado, o deputado Bira Corôa homenageou a cultura afro-brasileira e os candomblés da Bahia no Dia da África. Hoje, temos algo mais profundo, que vai além disso, é uma homenagem maior que consegue recuperar a cultura ancestral e a representação daqueles candomblés mais antigos, mais enraizados, se é possível falar dessa cultura se distanciando do termo de raiz, porque é acima de tudo uma cultura de raiz.

E estamos aqui para homenageá-la neste espaço do Parlamento baiano, que, igualmente ao Parlamento brasileiro, ao Senado, à Câmara dos Deputados ou à Câmara de



Vereadores de Salvador, é um espaço de elite branca, de elite branca. Não há dificuldade nesses espaços para homenagear nenhuma religião. Participamos de homenagens desde as religiões chamadas majoritárias e oficiais, como a católica e a evangélica – que hoje bate recordes, pois tem em torno de 22% da população – e outras manifestações religiosas, que quando estive aqui por oito anos vi aprovar sem qualquer polêmica.

Mas quero dizer a vocês que só aprovamos o título de Tata Anselmo, porque ele saiu de um acordo de lideranças num final de semestre e numa madrugada em que estávamos em obstrução, foi que como Líder da Minoria à época, Líder da Bancada de resistência, escolhemos os projetos que iríamos negociar com a Maioria, e com muita negociação conseguimos aprovar aqui um título de cidadão para um pai de santo, porque isso é considerado tema polêmico, não é bem visto.

Vivemos hoje um tempo em que estamos conseguindo afirmar a religião do candomblé e fazendo-a ser respeitada (Palmas). É com orgulho, é com alegria que vejo abrirem-se as páginas do jornal *A Tarde* na quarta-feira para podermos ler a sabedoria, beber na fonte de sabedoria de Mãe Estela de Oxossi.

Creio que o deputado Rosemberg ao conseguir aprovar uma sessão especial nesta Assembleia Legislativa voltada para uma temática pouco popular, pouco popularesca, melhor dizendo, com uma fala a respeito da cultura, remontando à ideia de trabalhar com os valores, com a mitologia, com a religiosidade, o faz em boa hora para que possamos valorizar a nossa identidade cultural e também religiosa; o faz também quebrando esses tabus, afirmando que isto é a expressão da nossa raiz africana, da negritude baiana, da negritude brasileira e que nós não vamos deixar que seja substituída por outro tipo de cultura, nós vamos lutar para manter viva as raízes dessa cultura.

E afirmar que só poderemos ser este país que todos queremos, que o Brasil cada vez mais se torne reconhecido internacionalmente pela força de sua economia, mas, principalmente, pela capacidade de fazer a economia crescer, distribuindo riqueza e renda para a maioria do nosso povo se nós tivermos afirmação democrática do reconhecimento das múltiplas formas de organização religiosa e racial que o nosso povo tem.



Então, quero parabenizar Rosemberg e parabenizar todos vocês por este momento que é mais do que uma sessão especial, é uma sessão especialíssima, em que podemos nos reunir para esse fim (Palmas) e fazer isso, para finalizar, Rosemberg, na semana, praticamente, que entramos no centenário de Jorge Amado.

No dia 06 próximo, o Congresso Nacional estará reunido numa sessão solene para homenagear o centenário desse escritor, desse autor que durante muitos e muitos anos foi o autor mais traduzido no mundo, o autor que teve a sua obra mais adaptada para o cinema e televisão, e que foi o primeiro a tratar de forma muito especial e a universalizar esse conteúdo de respeito à cultura africana no Brasil, tanto com a expressão do trabalho do povo negro nas nossas cidades, especialmente na cidade do Salvador, do povo negro trabalhador, das lavadeiras, dos operários, dos portuários, enfim, de todos aqueles que naquela Bahia dos anos 50 formavam a maioria do povo negro. Mas foi também esse primeiro escritor a reverenciar a esse grupo de intelectuais baianos que revelou para o mundo as influências da cultura africana em nosso país, tanto que é quase o início, é quase a criação da identidade baiana. É como se Jorge Amado fosse o fundador da Bahia. E é isso que vamos juntando nesta semana, para, mais uma vez, ao referenciar vocês, referenciar, acima de tudo, o nosso povo, a nossa gente e o nosso Estado.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



3705-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Almiro Sena

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. Presidente (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, senadora.

Neste momento, quero conceder a palavra a esse nosso secretário, que orgulha a todos nós pelo seu histórico, o secretário de Justiça, que teve o cuidado de, no seu mestrado, transformá-lo num livro que acaba de ser doado à Assembleia Legislativa, *A Cor da Pele*, o meu querido Almiro Sena. (Palmas)

O Sr. ALMIRO SENA:- Exmº Sr. Deputado Estadual Rosemberg, presidente desta egrégia sessão; Exmª Srª Senadora da República Lídice da Mata; Exmº Sr. Secretário de Estado Elias Sampaio, peço licença a todos e a todas para cumprimentar essa honrosa Mesa na pessoa dessas autoridades, e peço a todos e a todas para cumprimentar essa igualmente honrosa plenária na pessoa de todas as sacerdotisas aqui presentes das religiões de matriz africana e dos sacerdotes aqui presentes, e, dentre todas e todos, na pessoa da nossa ebomi Nice, de Oyá, nossas homenagens (Palmas). E já faço um requerimento a essa bela Mesa, na pessoa do seu presidente, para mais ilustrar, embelezar, fortalecer mais ainda essa tribuna convidando a nossa Ebomi Nice para, representando as nossas religiosas e religiosos, compor a Mesa. Peço, Sr. Presidente, que V.Exª assim permita, por favor. Obrigado.

O Sr. Presidente (Rosemberg Pinto):- Sem dúvida alguma. Ela vai substituir, não tão menos importante, a nossa senadora Lídice da Mata.

O Sr. ALMIRO SENA:- É verdade, é verdade. É uma permuta do mesmo nível.

A todos e todas, enquanto a nossa ebomi chega ao seu lugar, acho que, como disseram todos os nossos brilhantes antecessores, estamos aqui hoje numa sessão, deputado Rosemberg Pinto, extremamente relevante. Mas eu queria brevemente destacar que, a despeito de todas as dificuldades que temos que superar ainda, e são muito grandes, sem dúvida, não podemos esquecer que vivemos hoje já um momento diferenciado no tempo e na história. E a própria realização desta belíssima audiência e a composição de toda ela, e aqui também quero homenagear o nosso deputado estadual Bira Corôa, na figura do nosso



Jorginho, que tanto colabora, notável, também homenagear Vovô do Ilê, França, dos Negões, e os homenageando homenagear todos os demais, dizer que estamos num novo tempo e numa nova história. Esta sessão mostra isso e o próprio governo da Bahia mostra isso. Vocês imaginem que temos a satisfação de ter um secretário de Estado da estirpe do nosso Elias Sampaio na Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, e que o nosso governador Jaques Wagner também, não satisfeito com isso, colocou na Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos um negão. Empreteceu a Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos! Porque não é uma Secretaria preta – é bom que se registre. A Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos da Bahia é uma das mais antigas deste Estado. Para vocês terem uma ideia, o primeiro secretário foi no fim do século XIX, em 1826. Vocês imaginam a cara e a condição social deste secretário? É fácil, não é? E a que elite ele pertencia à época? Não apenas à elite branca da época, mas pertencia à elite branca e à escravocrata da época. E, de lá para cá, uma série, talvez, deputado Rosemberg, de vários nomes de secretários de Justiça que me antecederam são nomes hoje de municípios da Bahia e de ruas, muitos por méritos, outros, perdoe-me até a deselegância, por demérito.

E aí vem o governador Jaques Wagner e inova, mas não apenas na pessoa, porque inclusive ele foi muito econômico em colocar alguém tão simples, tão mediano quanto eu, talvez até para homenagear mais aos que estão na planície, mas principalmente no modelo que ele implanta na Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

O nosso governador Jaques Wagner permitiu e permite que eu empreteça seja na forma, seja no conteúdo, deputado Rosemberg, a atuação da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Tanto que eu tenho um critério lá subjetivo que, além do mérito, analiso se o currículo é igual. Analiso, também, a identidade étnico-racial.

A questão não é de cor de pele principalmente, é da sua identidade. E a identidade étnico-racial deste estado e deste povo é negra. A identidade étnico-racial deste povo é indígena e um pouco branca. Dizer um pouco branca não é demérito para a população branca. Apenas é preciso ser percebido que esta predominância negra não diminui ninguém, mas ao contrário fortalece a todos nós, inclusive nós brancos, mestiços, indígenas, etc. É negra porque é fato, não porque queiramos. É negra porque é real. E este momento de uma



Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos eminentemente negra é um momento novo, de um novo paradigma e de um novo tempo.

Isso, apenas, é um exemplo, deputado Rosemberg. Cito, até por questão de ser justo com o governador Jaques Wagner, que é o grande responsável por esta mudança de paradigma e de permitir que essas ações da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos tenham este conteúdo, esta forma e esta cara. E qual é a cara? A cara negra deste estado. Não apenas a minha cara negra, o que não é a das mais bonitas, reconheço, e peço desculpas, culpados são meu pai e minha mãe. Mas de pessoas talentosas que temos levado para a nossa Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e dado condições de mostrar o seu talento.

Temos, também, pessoas brancas, claro. Por que não teríamos? Mas a predominância é por uma questão de coerência com o que é o nosso povo! Olhem este plenário aqui como é democrático! Este é um plenário democrático! Temos brancos, temos mestiços, mas temos, majoritariamente, negros e negras, porque majoritariamente negros e negras são o povo da Bahia. (Muitas palmas) É só isso que queremos. É só isso que nos afeta.

Concluindo, quero parabenizar, mais uma vez, o deputado Rosemberg e todos os que estão aqui ao ressaltar este compromisso do governador Jaques Wagner, que tem sido fundamental para que este empretecimento da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos seja levado com a intensidade de que precisa ser.

Claro – não é pessoal? – quando falamos em empretecimento, falamos, também, em dar mais talento ainda. E uma coisa que o negão e a negona têm de sobra é talento. O talento, a inteligência, a força moral e espiritual do povo negro da Bahia são algo que não tem limites. Talvez seja este o grande medo, o medo deste País e das elites brancas deste País, nem todas, nem toda elite branca é pervertida, mas uma parte dessas elites ainda teimam em resistir a nosso avanço. E não há como resistir.

Termino com a frase de Zumbi dos Palmares: “Viver, vencer, resistir ou morrer.” E se não morremos é porque vencemos. E venceremos com as Graças de Deus e de Olorum. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3706-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Arani Santana

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Já que nós tivemos uma grande maioria masculina de oradores, eu gostaria de chamar a Sr^a Arani Santana para fazer o uso da palavra representando, assim, todas as mulheres presentes.

A Sr^a ARANI SANTANA:- A bênção aos mais velhos, Mucuiu, Motumbá, Kolofé, a todos os presentes e a todas as autoridades. Pedindo licença ao deputado Rosemberg, quero saudá-lo especialmente mas, também, saudar a Mesa em nome da Ebã Miniss, uma mulher, visto que a maioria das ialorixás nesta terra são do sexo feminino. Faço esta homenagem para que a Mesa fique equilibrada. (Palmas) Mas sintam-se todos homenageados.

Não me preparei para falar, deputado. Mas quero, antes de qualquer coisa, saudar o senhor pela sua generosidade, pela sua inteligência, pela sua sagacidade, pela sua coragem em abrir as portas desta Casa e fazer uma homenagem corajosa à cultura ancestral na identidade da Bahia que significa mexer com algo extremamente delicado, profundo e responsável pela formação identitária de todos nós. (Palmas) Quero parabenizá-lo por esta ação. Esta é uma plateia com um significado muito grande para a nossa formação, para a minha, para a nossa, para muitos companheiros que aqui estão. Há pessoas aqui idosas do santo, idosas nesta luta, muitas vezes dolorosa de muita perseguição.

Vejo aqui o grande doutor e mestre da universidade, aposentado, professor Júlio Braga que é um acadêmico intelectual e dedicou toda a sua vida à religião de matriz africana. Vejo aqui Adoné, Mãe Índia do Bogum, um dos mais tradicionais terreiros desta terra.

Fico muito emocionada enquanto mulher, negra, jovem ainda, com apenas 60 anos, mas fico contente porque tive uma trajetória similar a toda mulher negra oriunda do interior nesta cidade eminentemente negra e racista. Fico contente porque, aos 60 anos, em minha trajetória de vida, filha de operários, oriunda do interior, professora da rede pública que passei por muitas decepções por discriminações.



Mas me sinto uma mulher vitoriosa, porque tive um leito, tive um abrigo no Curuzu que foi o Ilê Ayê, pois, há 38 anos, formou a minha identidade étnica. Foi a minha academia, foi a minha universidade, foi o meu doutorado. Este bloco nasceu, segundo o professor, no terreiro de candomblé. Eis o diferencial. Eis porque tenho esta formação, de onde herdei os meus conhecimentos, os valores e os princípios. Por isso quero agradecer.

Fico muito feliz, porque estou encerrando a minha carreira de militância e a minha carreira profissional. Ainda, aos 60 anos de idade, consigo ver muitos avanços, assistir e vivenciar muitos avanços em nossa sociedade, principalmente com relação às nossas culturas de origem africana.

Graças a Deus, graças a Olorum, graças a Zambi e a Mavu, para falar de todos os deuses, estamos vivendo, nesta tarde, este momento inesquecível para todos nós quer sejam os sambistas que aqui estão, compositores, quer sejam gestores, praticantes da religião ou não, adeptos, admiradores intelectuais, povo que faz cultura.

Parabéns para todos. Nobre deputado, muito obrigada por esta oportunidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, minha querida Arani. Temos ainda muito que caminhar mas com muita alegria.

(Não foi revisto pela oradora.)



3707-II

Ses. Esp. 02/08/12

Or. Elias Sampaio

A Importância da Ancestralidade.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Queria, neste momento, passar a palavra ao nosso querido secretário estadual da Promoção da Igualdade Racial, meu querido amigo Elias Sampaio, que aqui representa o governador Jaques Wagner.

O Sr. ELIAS SAMPAIO:- Boa tarde a todos e todas. Antes de mais nada, numa tarde dessa que trata de ancestralidade, eu queria iniciar pedindo licença e a bênção a todos os irmão de axé. Em segundo lugar, queria parabenizar o deputado Rosemberg Pinto pela sessão e, de pronto, fazer um registro. Dia 02 é dia de quê mesmo? Acho que a gente vai ter que iniciar, porque dia 02 pode ser também o dia da nossa ancestralidade. Eu queria chamar a atenção para isso, porque nós estamos muito acostumados a se fazer referências às questões africanas, ou às questões relacionadas á nossa ancestralidade em dias específicos. E aí perguntei a Nairobi, estava com medo de estar esquecendo, mas ele falou assim: Mas hoje, dia 02, tem alguma coisa? Tem, é a ancestralidade que estamos iniciando agora.

Parabéns, deputado Rosemberg Pinto, companheiro Rosemberg Pinto, por estar abrindo a casa do povo e num dia como outro qualquer, mas está iniciando agora mais uma tradição dentro do nosso Estado da Bahia, que é mais uma das tradições africanas e baianas que nós temos.

Eu queria também parabenizar e melhorar que essa atividade não está sendo feita pela Comissão de Reparação e promoção da Igualdade Racial da Casa. Portanto, mais uma vez, quer chamar a atenção, estamos fazendo agora, nesses últimos tempos no Brasil, estamos fazendo com que a questão da promoção da igualdade, do respeito à nossa ancestralidade seja algo que é um princípio, e não mais algo pontual, Chamo a atenção para isso, porque no governo do estado da Bahia, por orientação do governador Jaques Wagner, as questões que se relacionam ás questões raciais elas não são mais sequer transversais ou pontuais. Elas têm que ser vistas como princípio, ou seja, em todas as áreas do nosso governo, e me parece que isso está também está sendo reproduzido no Legislativo da Bahia,



em todos os momentos as questões relacionadas à nossa identidade, nossa ancestralidade e, principalmente, à nossa africanidade está começando a ser um princípio da nossa gestão e um princípio do exercício aqui nesta Casa. É isso que acho que é importante e a primeira coisa que quero enfatizar.

Eu estava comentando com o deputado Rosemberg e também, anteriormente, com o deputado Luiz Alberto sobre a importância desta sessão para nossa luta. Quando eu olho tanto essa mesa como esse plenário, fico identificando no rosto de cada uma das pessoas que cada uma delas tem uma contribuição específica para a transformação que estamos vivendo hoje. É um luxo, deputado, termos na plateia, primeiro, aqueles e aquelas que não deixaram que a nossa história fosse esquecida e que foi transmitida de boca em boca, que são os pais e mães de santo. Portanto queria fazer uma referência a eles. Nós não temos ideia da importância que essas pessoas trouxeram para a nossa vida.

Aqui nessa plateia temos o luxo de ter o fundador do Ilê Ayê. Além de ser o nosso amigo e nosso irmão, quem conhece Vovô, e não conhecia antes, até pensa: meu Deus, como é que alguém, com tanta serenidade, cria uma revolução nessa cidade? E aí quando a gente fala muito do Ilê Ayê, as pessoas ficam pensando: Mas, poxa, é importante mesmo?" Quem sobe a ladeira do Curuzu sabe que é importante. Aliás, todo mundo tem que subir a ladeira do Curuzu.

Mas não somente isso, professor Júlio. Eu estava conversando recentemente com algumas pessoas e me lembrava não só dos 38 anos do Ilê, como também dos 33 anos da Beleza Negra. Porque o Ilê foi uma revolução, mas a Beleza Negra do Ilê, que é a beleza negra que está aqui nesta plateia - e antes de 33 anos atrás não era assim que algumas pessoas se sentiam -, é mais revolucionário até do que o próprio Ilê Aiyê, pois, no momento em que (Palmas!) a beleza eram pessoas de pele clara, nariz afilado e cabelos alisados ou lisos, chega o Ilê Aiyê e diz que não tem nada disso, não! Ser bonito é ser preto, ser bonito é ter cabelo do jeito que você quiser, ser bonito é ter o nariz do jeito que a gente quer ter. E fazer algumas mulheres, que nem sequer passavam na frente de determinados salões daquele tipo de beleza, criarem salões de beleza para deixar belas outras pessoas que sequer se sentiam belas. Ou alguém tem dúvidas da beleza de Arany Santana aos 60 anos de idade?! Pelo amor de Deus!



(Palmas!) Ela que todo ano, no Carnaval e na Beleza Negra, aparece linda lá em cima, e as pessoas morrem de inveja!

Isto é outra revolução, Mãe Índia, quando a gente chega nos lugares e vê as pessoas com o torso como a senhora está, com o torso como as outras pessoas aqui estão, totalmente diferente de todo lugar do mundo. E estamos lindos e belos.

Porém estou falando isso para dizer a importância não só da desconstrução do racismo e das referências contra a nossa identidade. É também para registrar, deputado Rosemberg, o motivo da importância não só desta sessão, mas de toda a política de promoção da igualdade racial que vem sendo feita no Brasil há dez anos e aqui na Bahia há cinco, capitaneada pelo governador Jaques Wagner. E a gente tem orgulho de acompanhá-lo nisso. Todos nós temos esse orgulho.

Eu queria pedir permissão para contar uma história rápida. No dia 14 de maio, no Bembé de Santo Amaro, fiz uma referência a um trabalho que eu estava escrevendo, uma crítica a um grande autor brasileiro que a maioria das pessoas conhece. Chama-se Celso Furtado. Deputado Rosemberg, em 1959 ele chegou a dizer na principal obra dele que as pessoas que foram escravizadas no Brasil tinham uma capacidade mental rudimentar. E que, por terem essa capacidade mental rudimentar, tinham uma preferência pelo ócio. Em outras palavras, ele dizia que nós, os descendentes de escravos, tínhamos tendência à preguiça.

Duma forma extremamente contraditória - e estou trabalhando nisso -, em algum lugar da sua obra Celso Furtado dizia também que em algum momento do século XVIII, professor Júlio Braga, quem conseguiu dar alguma técnica para o uso dos metais, da siderurgia e da metalurgia em Minas Gerais, no período em que Minas Gerais era pujante, foram exatamente os escravos africanos. E eu perguntava lá no meu artigo, que brevemente estará disponível para todos vocês - já está pronto -, como é que alguém que tem a capacidade de manipular o ferro pode ter uma capacidade mental rudimentar.

Essa história não estou contando apenas por isso, mas também porque vocês que estão na plateia, ou pelo menos a maioria dos presentes aqui, podem até me explicar melhor. Coincidentemente, na semana seguinte, quando terminei o último ponto do meu artigo, fui visitar em Maragogipe o Terreiro de Pai Edinho, que inclusive está doente. Gostaria que



todos lhe dessem muito axé. Ele está precisando disso, está doente. E lá fui convidado a visitar - adivinhem onde! - a Casa de Ogum.

Se eu não tinha dúvidas de que quem consegue manipular o ferro nunca pode ser tachado de ter qualquer problema de natureza mental, quando me deparei com as ferramentas de Ogum saí de lá, Tata Anselmo, dizendo: “Celso Furtado precisaria entrar no Candomblé se ele estivesse vivo. Não está mais”. (Palmas)

Por que estou chamando a atenção para isso? Porque se quem produziu e produz ciência no Brasil, historicamente, tivesse conhecimento do que este povo que aqui está, através do culto à ancestralidade, nos trouxe, estaríamos num País melhor, porque eles nos conheceriam melhor. O grande problema da elite brasileira é que até hoje não nos conhece. E por não nos conhecer – e nós somos o maior recurso estratégico desta Nação – não consegue fazer com que... Na verdade, ainda estamos em situação de exclusão.

Por isso a importância de governos como o nosso; por isso a importância de governos como o do presidente Lula. Por isso a importância de sessões como esta, porque não estamos apenas desconstruindo. Estamos desconstruindo e fazendo o que sempre essa população fez. Ou seja, constrói e, pedagogicamente, desconstrói. E constrói pedagogicamente a Nação que estamos fazendo há mais de 500 anos, criando a riqueza que foi produzida por nossas mãos. E não somente pelas nossas mãos, mas também por nossas mentes.

Esse é o recado que queria dar, para mostrar que foi o culto à ancestralidade que não nos deixou ser enganados. Porque em algum momento alguém dizia: “Você não tem condição de trabalhar no mercado capitalista; você não tem condição de ser qualquer outra coisa que não seja um ser escravizado”. Para alguns, em algum tempo, o nosso papel era apenas o da escravização.

E todos nós que estamos aqui, principalmente através dos ensinamentos que o Axé nos mostrou, soubemos dizer: “Não é isso, trazemos dentro de nós não somente uma história; trazemos também todo um legado civilizatório que deu o norte, que deu a cor, que deu a serenidade, mas também que deu a riqueza que este País tem”. Essa é uma primeira questão que queria falar.



E para não dizer que não falei de flores, até porque acho que estamos num momento especial, queria apenas retomar uma fala do deputado Luiz Alberto, que infelizmente não está aqui. Inicialmente concordando com ele em relação a nossa campanha para a Prefeitura de Salvador. Obviamente, todo mundo sabe qual é o meu lado e onde estou, mas não é sobre isso que quero tratar. Quero falar sobre algo que tem a ver com esta sessão.

Seguindo o mesmo raciocínio do deputado Luiz Alberto, com o qual ele aponta o avanço que foi termos as três principais candidaturas à Prefeitura de Salvador com vices negros. Além de negros candidatos a prefeito. Isso é fato! O que quero chamar a atenção é que em algum momento se chegou a ter o seguinte debate nesta cidade: “Ah, agora há candidatos a vice, mas por que não a cabeça de chapa?” E dizia Luiz Alberto: “Por que talvez nós ainda não tenhamos acumulado força”. Também é fato.

Mas o que eu queria dividir com vocês aqui é o seguinte: pela primeira vez na história do Brasil, da Bahia e de Salvador, a eleição em outubro vai ser decidida entre grupos políticos que necessariamente têm negros na sua chapa. Não existe esse debate se é vice ou não; se é cabeça de chapa ou não. Na verdade, a eleição de Salvador, como dizem os meninos do Mídia Étnica, foi denegrida, ela está cheia de negros. E precisamos fazer, deputado Rosemberg, uma reflexão sobre isso.

Mas também temos de começar a separar o joio do trigo, o que é essência do que é aparência. Porque, na verdade, não nos cabe, militantes dessa causa, apenas ter pessoas que se dizem negros, que de uma hora para outra aparecem defendendo algumas de nossas bandeiras. Nós precisamos olhar um pouco para trás, e é nesse olhar que daqui a dez anos, deputado Rosemberg, daqui a cinco, daqui a dois, porque vamos ter, é que alguém vai olhar para trás da Assembleia Legislativa e vai procurar saber quais foram os deputados que fizeram um debate como esse dentro da Assembleia. Por que este é o momento de separar a essência da aparência, porque se formos verificar quantas sessões como essa foram feitas, temos que saber quantas sessões foram feitas, quem foi que fez esta sessão, porque, vereador Moisés Rocha, a gente também tem que olhar para a Câmara de Vereadores e saber quem naquela Câmara de Vereadores realmente representa essas pessoas que estão aqui.



Quem, naquela Câmara de Vereadores, estava, esteve e vai estar sempre junto com quem está aqui e não apenas com quem acha que hoje ter cabelo pixaim é moda. Não é moda.

Eu só queria terminar chamando para uma reflexão. Sim, nós conseguimos um momento importante, hoje, na cidade do Salvador, a terceira maior capital do País, uma das cidades mais importantes do Brasil e do mundo, não deixo de dizer isso, porque é o momento que o Brasil passa a ser a sexta economia do mundo, a terceira maior capital do Brasil também começa a ter importância proporcional a isso.

Eu estive recentemente em Atlanta, nos Estados Unidos, que tem apenas 54% da população de negros. A gente tem mais de 80%. Lá em Atlanta, deputado, há uma hegemonia de negros na política e o que estamos começando a fazer, agora, é também não só sermos maioria, é deixarmos de ser apenas maioria para sermos hegemonia na cidade do Salvador, que é onde a maioria é negra e a maioria tem a nossa identidade.

Para finalizar, quero dizer que apenas temos que observar o que é essência e o que é aparência. Não nos enganemos pela aparência, vamos buscar a essência, para que essa hegemonia seja de fato construída com o que a gente precisa.

Muito obrigado a todos e a todas. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 02/8/12

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, meu querido secretário.

Quero dizer que passei algum tempo animado, quando Vovô saiu pelas ruas dizendo, “Eu quero ela”, e depois parece que desistiu, ou não desistiu ainda, está guardado isso? Mas temos que botar na rua, porque você vai ter junto com todos esses outros que pensam “Salvador, também quero ela”.

Mas, meus queridos amigos, queria registrar algumas presenças, antes de dar seguimento. Queria saudar todos os terreiros presentes, representantes da Universidade Federal da Bahia, Instituto Cultural Steve Biko, Patra, Sindiprev. Queria saudar meu querido Valdemir, que também é candidato a vereador de Salvador, (Palmas), MSTS. Queria dizer que nosso vereador Moisés Rocha, no dia 17 de agosto, estará homenageando com a Medalha Zumbi dos Palmares o nosso querido Raimundo Bujão, que estava aqui do lado. Será às 19 horas, na Câmara de Vereadores, vamos estar presentes lá, pois Bujão também é uma dessas figuras significativas nessa nossa caminhada.

Essa sessão, além de fazer esse debate, tem o objetivo de valorizar exatamente as pessoas e instituições que trazem esse tema diariamente, na cidade do Salvador, do Estado da Bahia. Por isso, além das falas aqui, vamos fazer uma homenagem. É lógico que queremos homenagear a todos os homens e mulheres, todas as instituições, e obviamente nós fizemos uma restrição, até pela quantidade de homenagens que vamos fazer aqui. Mas significa que estamos reverenciando a todos aqueles homens e mulheres que tratam a religiosidade africana como a manutenção da identidade desta nossa sociedade baiana, brasileira.

Enquanto organizamos o convite às pessoas que virão aqui, vamos assistir à apresentação musical do grupo Filhos de Gandhi, que vai nos abrilhantar com essa apresentação.

(Apresentação do grupo Filhos de Gandhi.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Nesse momento vamos aqui prestar uma homenagem às instituições, homens e mulheres nessa grande caminhada. Como disse Arani,



nós estamos caminhando, mas sem dúvida alguma vamos chegar lá, já chegamos muito, mas há muito o que chegar. Vovô, volte com o seu slogan “Eu quero ela”, senão fica só no vice.

Quero nesse momento fazer uma inversão aqui. Vou chamar a nossa ebomi Nice, que está aqui ao lado, para que ela possa entregar essa homenagem ao professor, antropólogo, que nos abrilhantou aqui, Marco Aurélio Luz.

(A Sr^a Ebomi Nice entrega a homenagem ao professor Marco Aurélio)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Seguindo o rito aqui para não perdermos muito tempo, vamos entregar e os homenageados, a instituição ou a pessoa vai ali fazer o seu agradecimento de uma forma mais sintética.

O Sr. Marco Aurélio:- É uma honra muito grande, estou muito emocionado, agradeço as palavra e muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Convido aqui a nossa querida Elane Ferraz, que representa a minha amiga Mara Morais, Secretária de Desenvolvimento Social do Governo do Estado, para que possa entregar essa homenagem à Sociedade Beneficente Ilê Axipá, representada aqui pelo nosso querido Genaldo Novais.

O Sr. Genaldo Novais:- Gostaria de agradecer em nome de todos os terreiros aqui de Salvador, principalmente aqueles que através de anos e mais anos ficaram com a impossibilidade de praticar a sua própria religião, que é a religião africana, ela é seu orixá, seu Ogum. E gostaria de agradecer também, além de todos os presentes, além do deputado Rosemberg Pinto e toda essa equipe maravilhosa que conseguiu que essa homenagem fosse prestada a todos nós que preservamos essa ancestralidade, agradecer do fundo do coração e dizer que estamos presentes e vamos continuar formando esse Brasil.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero chamar aqui a nossa Nairobe Aguiar, representante da Fundação Palmares para que possa prestar uma homenagem a esse grande professor, pesquisador, debatedor, Júlio Braga de Santana. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Júlio Braga de Santana:- Boa-tarde. Saúdo o ilustre deputado e todos os presentes. Gostaria de dizer que, como todos, estou extremamente emocionado. Acho, até,



que é a primeira vez que adentro a um ambiente cheio de vida. Queria dizer que devo receber esta homenagem em nome das vertentes todas matriciais africanas ou não que estão na base da construção de uma profunda religiosidade afro-brasileira.

Muitas vezes, a gente se perde na nossa peculiaridade pessoal, religiosa e até esquecemos das outras tantas que, reunidas, constroem a base fundamental filosófica, teológica e teogônica que poderia chamar de religião afro-brasileira e que é, como todos nós sabemos, a base estruturante da nossa identidade negra, étnica, padrão espetacular da visibilidade desta identidade nacional.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, professor Júlio.

Queria chamar aqui meu querido vereador que, sem dúvida alguma, continuará vereador de Salvador, Moisés Rocha, porque o povo de Salvador quer assim, para prestar essa homenagem ao Ilê Axé Opó Afonjá na pessoa da Ebomi Cida. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr^a Ebomi Cida:- Boa-tarde. Em nome da ialorixá Ilê Axé Opó Afonjá, estou agradecendo. (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Meu querido professor Marco Aurélio, queria pedir para que você possa também prestar sua homenagem ao Ilê Axé Oxumaré, na pessoa da Iaquequerê Sandra. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr^a Iaquequerê Sandra:- Este é um momento de grande emoção, Sr. Deputado. O Ilê Axé Oxumaré agradece esta homenagem maravilhosa. E agradeço, em especial, o momento que estou encontrando com muitas raízes, muitas pessoas maravilhosas representando, as quais há muito tempo não vejo.

Em nome de *Maori, Iemanjá*, que continue nos iluminando, para que continuemos nessa luta, vencendo, insistindo, persistindo, e nunca desistindo. Axé!

O Ilê Axé Oxumaré agradece. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Meu querido Edmílson Sales, peço que faça uma homenagem ao terreiro *Alaketu*, na pessoa de *Equedi Nirinha*. (Palmas)



(Procede a entrega da homenagem)

A Sr^a Nirinha:- Eu quero agradecer em nome do terreiro Ilê Maioralage. Minha irmã não pode vir, porque o terreiro está em obrigação, sábado terá obrigação e o encerramento será na próxima semana, tem *Iroko*, *Iansã* à espera. Eu quero agradecê-los, muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):-peço ao nosso Major Paulo Peixoto para entregar também uma homenagem ao terreiro *Bogun*, à mãe Índia. (Palmas)

(Procede a entrega da homenagem)

A Sr^a Mãe Índia:- Boa-tarde a todos,a bênção a todos, tenho que agradecer esta homenagem em nome do terreiro *Hiviossô Zoogodo Bogun Male Hundô*, estou aqui emocionada. Por incrível que pareça é a segunda homenagem que recebo este mês. Na semana passada eu estava nos Estados Unidos e fui homenageada pelo Senado dos Estados Unidos, e estou aqui hoje. Para mim é muita emoção, especialmente para o meu terreiro. Em nome da comunidade *Hiviossô Zoogodo Bogun Male Hundô*, em nome de Arpolo Becem, em nome de Bafone, em nome de Lookó, em nome de Sobô, Axé.

(Procede a entrega da homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero pedir ao nosso querido Laudelino Miranda, que representa o nosso vice-prefeito Edvaldo Brito, para fazer esta homenagem à casa Branca, na pessoa da *ebominice*, que esta aqui ao lado. (Palmas)

(Entrega da homenagem à Ebomi Nice)

A Sr^a Eboni Nice:- Quero agradecer em nome de Olodumare pela pessoa de Altamira Cecília dos Santos, da Casa Branca. Sinto-me lisonjeada em estar aqui perante os meus parentes, que são todos vocês do Axé. É meu sangue. (Palmas) E dentro desse sangue, eu peço a Olodumare que nos dê força cada vez mais para que nós possamos estar sempre juntos saudando a nossa religião, a religião que Olodumare deixou para a gente. Esse troféu que estou recebendo por Mãe Tatá seja sempre um triunfo de glória, de força, de coragem, de luta para todos nós. Adô Pé!

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero pedir aqui a uma pessoa e também fazer uma homenagem a ela, uma pessoa que trabalha comigo, que é Jamile Nobre.



Ela foi exatamente a grande idealizadora, trabalhou incansavelmente para que realizássemos esta sessão. Estivemos juntos com a sua família, lá em Itaparica, cultuando essa religiosidade que, sem dúvida, é a grande razão do seu conhecimento. Por isso queria chamar Jamile para prestar homenagem e entregar aqui ao Ilê Axé Oromi, na pessoa do ogã Alabê Dilton.

(Entrega da homenagem a Dilton.)

O Sr. Dilton:- Uma boa tarde, eu venho agradecer em nome do Ilê Axé Oromi. Muito obrigado, que Olorum mesmo abençoe a todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero chamar aqui a nossa Arani para que ela possa fazer uma homenagem, e ela já fez aqui, de público, mas sempre presente na sua história de vida, para que possa estar reverenciando os outros e a sua história através do Ilê Ayê, chamando meu querido Vovô.

(Entrega de homenagem a Vovô)

O Sr. Vovô:- Quero agradecer e dizer que estou muito honrado. Para mim este momento é muito gratificante. Quero oferecer este troféu a minha mãe e também a todos os blocos afros e dizer que uma vez falei e não fui bem entendido. Nasci no terreiro de candomblé, na minha época a gente nascia de parteira.

Nasci no Curuzu e tenho um diferencial, tenho consciência que ajudei muitos irmãos a resgatar o orgulho de ser negro, mas o meu diferencial é que não estudei para ser negro, nasci numa família negra, tive minha mãe e desde garoto esse foi talvez o motivo de ter acontecido o Ilê Aiê, com a formação que tive desde pequeno e hoje tem que estudar. Negro tem que ser um pouco na frente e minha mãe foi uma mulher muito revolucionária, trabalhou em fábrica, fez greve, então deu esse resultado e estamos com 38 anos de luta e resistência.

Por último, quero dizer que estou muito feliz porque as coisas realmente estão mudando. Há muito tempo não vejo uma mesa preta e estou vendo aqui agora. Muito axé e parabéns Rosemberg. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero chamar aqui uma pessoa que também foi muito importante nessa construção, meu querido Rodrigo, do gabinete, essa veia



pulsante do Nordeste de Amaralina, para fazer a homenagem a Manso Lemba Furaman, o Tata Laércio. (Palmas)

(Entrega de homenagem a Manso)

O Sr. Manso Lemba Furaman:- Boa-tarde a todos. Muito se falou de ancestralidade aqui e eu gostaria de falar um pouquinho. Os primeiros negros chegados no Brasil foram os negros Angola Congo. Recebo esta homenagem não só como homenagem ao terreiro Manso Kilembekueta Lemba Furaman, que tanto tem-se empenhado para que não seja esquecido e seja resgatada essa tradição, seja respeitada e sempre lembrada.

Na África, para os negros Angola, a terra pertencia aos ancestrais, ninguém era proprietário dela, porque quando eles chegaram já encontraram a terra. Quando eles chegaram aqui trazidos, foram os primeiros negros a chegarem ao Brasil, em 1553, segundo o próprio Antônio Vieira, a primeira pergunta que eles fizeram foi: quem é o dono desta terra. O dono desta terra eram os nossos índios, que também cultuavam seus ancestrais. (Palmas)

Durante muitos anos, décadas, nós de Angola fomos criticados por cultuarmos os caboclos. Mas isso já acabou e hoje os caboclos são reverenciados em todos os terreiros. *“Marumba chêto, Zambi na qua tesá”*.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Esta é uma sessão que tem me orgulhado bastante. Tanto que queria aproveitar este momento desta sessão tão importante e pedir à minha querida Ritinha, que cuida de nós todos os dias nesta Assembleia, para homenagear a nossa ialorixá Georgina, representando o Ilê Axé Oyá Padê.

(Estrega do troféu.)

A Srª Georgina:- Sinto-me muito emocionada neste momento por estar recebendo este troféu em nome do Terreiro Oyá Padê. Eu sou filha e sucessora de Alice Maria da Cruz. No dia primeiro fará sete anos que ela nos deixou.

Agradeço em nome de Oyá e de Odé. Que este símbolo, esta árvore seja o símbolo da nossa esperança de que tudo que nós estamos buscando, de hoje em diante, cresça e dê frutos.



Obrigada a todos. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Eu agora quero fazer uma homenagem ao Terreiro Bate-Folha, na pessoa do meu ex-colega de turno do Polo Petroquímico de Camaçari, Walmir França. (Palmas!)

(Entrega do troféu.)

O Sr. Walmir França:- Boa-tarde.

Mucuiú, a bênção aos mais velhos. É uma emoção grande, como as pessoas já colocaram.

Estou aqui representando o Terreiro do Bate-Folha e quero informar da impossibilidade de Tata Bomboxê poder participar. Mas quero aproveitar a oportunidade, já que a tarde foi muito profícua e os posicionamentos foram importantes, para lembrar de uma questão relacionada com a atividade da Casa. Pedi ao deputado Rosemberg Pinto que o Estatuto da Igualdade Racial, quanto à intolerância religiosa, o qual está dormindo nesta Assembleia mais ou menos há cinco anos, seja votado. É interessante que neste momento essa questão seja lembrada. Isso é fundamental.

Estou aqui para ecoar as críticas que foram feitas. Mas penso que iniciativas como o Estatuto da Igualdade Racial e contra a intolerância religiosa estão dormindo nesta Casa. Mas já está na hora de acordarem. Já se falou da política há muito tempo, mas o Estatuto Racial é uma questão também debatida dentro do Bate Folha.

Muito obrigado pela homenagem. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Valmir França.

Peço agora ao querido vereador de Salvador Moisés Rocha para transferir essa homenagem ao Terreiro do Mukambo, para o nosso Tata Anselmo. (Palmas)

(Homenagem ao Tata Anselmo.)

O Sr. Tata Anselmo:- Boa-tarde aos presentes.

Quero agradecer ao deputado Rosemberg pela lembrança do nosso nome. Fico extremamente honrado. Sou um eterno aprendiz dos mais velhos, mantenho a tradição que recebi e que custou muitas vidas.



Então cada zelador deve ter a responsabilidade de saber que ele não é só, mas representa a ancestralidade. Por conta disso, agradeço a Severiano Manoel de Abreu, Jubiabá, meu bisavô de santo; a João Alves Torres Filho, Joãozinho da Gomeia, meu avô de santo, e a Altanira Maria Conceição Souza, Mirinha do Portão, minha mãe de santo.

Através deles estou aqui. E dividi honrosamente com o povo da minha casa, do Terreiro Mukambo, que são os resistentes que estão ali comigo mantendo a tradição.

Graças a Deus, sou de tradição banto, um povo alegre. Foi uma das coisas que o diferenciou dos outros povos africanos que chegaram ao Brasil. E como estou na Casa do Povo, não poderia deixar de cantar algo da minha tradição que traga energia a esta Casa e ilumine esses fazedores de leis, para que tragam harmonia, paz e equilíbrio, tendo em vista tantas decisões que são tomadas aqui.

Inclusive foi uma felicidade sua, deputado, pois no mês de meu pai, Rei de Angola, o senhor nos ofereceu uma árvore, que é o símbolo de meu pai, o rei da minha nação.

É um cântico simples com o qual pedimos energia positiva para todos os que estão aqui.

(Cântico do Tata Anselmo.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Minha querida Aldenira Sena, que coordena este nosso gabinete, eu queria pedir a você que transferisse essa homenagem à instituição Ilê Agboulá na pessoa de Balbino Daniel de Paula, que é uma homenagem a todos os ancestrais daquela Casa. (Palmas)

(É feita a homenagem)

O Sr. Balbino Daniel:- Deputado, primeiro quero parabenizá-lo por esta iniciativa ímpar e especial. Mas também deixar um registro, porque é lamentável que entre 63 deputados que existem nesta Casa Legislativa só cinco se fazem presentes num evento de tamanha magnitude. (Palmas) Isso nos faz mais fortes, mais perseverantes e com o desejo de conquistar mais vitórias.

Agradeço por esta homenagem em nome do terreiro Omon Agboulá, que significa filhos de Agboulá, e também estender esta homenagem a todos os terreiros de culto aos ancestrais Baba Egum que existem em Itaparica.



Obrigado a todos e fica aqui uma grande homenagem e mensagem que é um cântico que todos vocês conhecem. (Cântico) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Eu queria chamar aqui para também transferir essa homenagem ao Ilê Tuntun na pessoa de Miguel Roque, sem dúvida alguma esta é uma maneira de homenagear todos os ancestrais daquela casa, eu queria chamar para fazer a entrega em meu nome o meu companheiro de grande caminhada aqui quase todos os dias, Antônio Carlos Brandão, que está ali do lado. (Palmas)

(É feita a homenagem) (Palmas)

O Sr. João Victor:- Boa-tarde a todos. Sou João Victor, sobrinho de Miguel Roque, Ojé Sobaloju Tuntun, quero agradecer em nome dele e em nome de todos os filhos de Baba Olokotun, e dizer que estou lisonjeado em estar aqui por ser remanescente e herdeiro de todo esse legado, assim como todos os meus irmãos.

Olorum Modupé. (Palmas)

O Sr. Presidente (Rosemberg Pinto):- Ainda falta fazer mais uma homenagem, mas, até para dar um “mudada” aqui, queria pedir para o grupo musical Ilê Asipá que fizesse uma pequena apresentação para a gente, porque foi muito belo no início. Então, vamos ouvir agora esse grupo musical.

(Apresentação do grupo musical Ilê Asipá)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Dando continuidade, vamos fazer a última das homenagens, lógico que não à última das instituições ou das pessoas que têm contribuição, para que possamos atender ao nosso querido Elias, transformando este dia 2 de agosto no Dia da Ancestralidade. E por isso vou assumir o compromisso de apresentar nesta Casa um projeto para instituí-lo, por definição desta sessão especial.

Queria chamar neste momento o nosso querido secretário, já está aqui o nosso Elias, para fazer uma homenagem a esse afoxé, e se Gilberto Gil estivesse aqui chamaria assim: “Yansã, Yemanjá chama Xangô, Oxóssi também, manda descer para ver Filhos de Gandhy...” (Palmas.)

Quero chamar aqui o Pedro Coia Coia, para que possa receber essa homenagem da pessoa aqui do nosso secretário Elias.



O Sr. Pedro:- Boa-noite, axé a todas as ialorixás e babalorixás que se encontram neste evento, gostaria de dizer que a família Gandhi agradece a todos os realizadores deste evento e a todos os presentes. Axé para todos. Obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Vou chamar daqui a pouquinho para encerrar esse nosso evento. Mas queria, antes de encerrar, e vamos encerrar de uma forma festiva, cantando com alegria, porque essa é a nossa caminhada, queria, meu querido Elias, que você levasse ao governador Jaques Wagner a posição desta sessão especial, deste debate, que eu disse que era um debate de conteúdo, que possa não só fazer uma reflexão, mas porque essa reflexão vem sendo feita neste País, minha querida Arani, há 500 anos. Nós precisamos de fato ter propositividade com relação a todo esse debate que vem acontecendo, lógico que temos construído muitas coisas, vencido muitas batalhas, mas ainda temos muitas estradas para andar.

Isso aqui é um passo, esta sessão especial de hoje tem o objetivo de trazer para dentro desta Casa a desconstrução e a construção de um novo momento. Precisamos desconstruir com todo o respeito a quem fez essa fotografia. Mas essa não é a fotografia da Bahia. Por isso esse debate de hoje traz para nós um objetivo singular, que é de construir e de fazer com que as instituições do Estado, de fato, assumam o compromisso de construir uma nova identidade baiana, uma nova identidade brasileira.

E é com isso que quero encerrar, agradecendo a cada um de vocês, a cada terreiro, a cada pessoa individualmente, a cada instituição, a cada representante das diversas organizações sociais aqui presentes, aos afoxés, aos blocos carnavalescos. Meu querido França, quando falo do Polo Petroquímico de Camaçari, é porque, quando estava na Universidade Federal da Bahia, fiz um estudo sobre a importância do Polo Petroquímico de Camaçari e da Petrobras para a formação dos diversos blocos afros no Estado da Bahia. Foram dali que saíram nas madrugadas, porque naquele momento eram homens e mulheres trabalhando nas madrugadas do Polo Petroquímico e na Petrobras que se pensou a forma de começar através dessas instituições carnavalescas, dessas instituições que cantam com alegria mas que buscam essa nova identidade, dali saíram, podem verificar que na frente das diversas instituições tem sempre alguém que passou por aquela escola, no Ilê Ayê, nos



Negões, lá nosso querido João Jorge, o meu outro companheiro das madrugadas no Polo Petroquímico de Camaçari e em cada instituição dessa que pensávamos naquele momento, hoje se reflete com a realização desse evento que quero parabenizar a todos vocês.

Essa árvore é uma simbologia mas sem dúvida alguma é a continuidade daquilo que todos vocês fazem, sem dúvida alguma com uma contradição muito maior do que nós aqui nesta Casa. Nesta Casa é a abertura para esse debate de conteúdo que coloquei aqui, mas sem dúvida alguma, para mudança considerável de um viés de formação da sociedade que estamos desconstruindo em cada gueto desta cidade, mas que precisamos desconstruir e construí-la de forma diferente em todos os locais da cidade de Salvador e do nosso Estado da Bahia.

Por isso, chamo aqui os Filhos de Gandi para que com muita alegria possamos encerrar este momento da formação dessa nova identidade baiana.

(Apresentação dos Filhos de Gandi)